

João Ramalho, o primeiro paulista: procedimentos de atuação a partir das ciências do imaginário.

Gabriel Pangonis Fernandes* e Verônica Fabrini.

Resumo

Partindo da proposta de Roberto Gambini de psiquização da história, este projeto busca, em processo criativo, cartografar procedimentos de atuação que permitam a representação cênica de uma história brasileira que seja factual e também geradora de mitologia. Utilizando como referencial teórico pensadores sobre o imaginário, esta investigação busca colocar em diálogo psique e história, apostando nas interpelações entre o simbólico e o factual através do trabalho do ator. Neste caso, o material histórico, tomado como matriz em processo criativo, é a origem do estado de São Paulo, sob o ponto de vista de João Ramalho, “o pai do primeiro paulista”.

Palavras-chave:

Processo criativo; João Ramalho; História brasileira; Ciências do imaginário..

Introdução

A investigação anterior (2016/2017) tinha por objeto a ausência de um mito de herói, uma narrativa arquetípica capaz de orientar a psique em seu amadurecimento, através do encontro e da aceitação da sombra. No entanto, no correr dos procedimentos de pesquisa, encontramos mais do que narrativas ausentes, narrativas esvaziadas de sentido. Dessa forma, buscamos verificar, ao longo da pesquisa, procedimentos de atuação que nos permitiram preencher as narrativa escolhida, a história de João Ramalho, de sentido.

Resultados e Discussão

Roberto Gambini (1999) traz em sua obra uma aproximação do imaginário nacional pautada nos processos históricos de formação étnica do povo brasileiro. Um contra-senso à narrativa factual e jornalística saída dos livros de história, sem que suas imagens afetem seus oradores, sem que suas figuras se enraízem no imaginário de seus ouvintes. Em resposta isso, ele nos fala da necessidade de psiquizar, ou mitologizar, a nossa história, tornando-a nossa ao atribuímos nosso sentido para ela.

Em James Hillman (2010) e na sua psicologia arquetípica verificamos o conceito de “historiar”, semelhante a ideia de Gambini. Ao historiar um acontecimento, estaríamos mais preocupados com a imagem resultante e o sentido expresso nela do que com a descrição dos acontecimentos. Assim, as narrativas “passam da descrição para o símbolo” (HILLMAN, 2010).

Nossos laboratórios de atuação, centrais na metodologia, inicialmente tomaram por mote narrativas factuais retiradas dos livros de história. No entanto, como nos explicaram Gambini e Hillman, o factual como ponto de partida não nos permitiu estabelecer os diálogos almejados entre psique e história. Sendo necessário mudar o mote dos laboratórios de atuação para a própria imaginação e ação do ator.

Em Barba (2010) encontramos uma perspectiva de organização da cena que também tem alicerces na

imaginação e ação do ator. Segundo ele, a cena é composta por três dramaturgias concatenadas: A dramaturgia orgânica, as ações físicas e vocais elaboradas pelo ator; A dramaturgia narrativa, a história, fábula ou ainda o contexto narrativo da cena; A dramaturgia evocativa, a experiência construída por cada espectador a partir de seu imaginário.

Conclusões

A partir do entendimento de Barba, pudemos estudar em laboratórios de atuação de que forma um ator pode se colocar em procedimentos para a criação de sua dramaturgia orgânica. Assim, desenvolveram-se fundamentalmente dois procedimentos em laboratório que originaram um sem número de possibilidades de partituras físicas e vocais. Em um segundo momento, relacionamos essas partituras com o contexto narrativo da origem do estado de São Paulo sob ponto de vista de João Ramalho. Observamos assim, quais as possibilidades evocativas que a concatenação desses dois níveis de organização nos oferecem.

Entendemos que esses procedimentos de atuação permitem psiquizar/historiar os eventos narrados, permitindo que cada espectador, na construção de sua dramaturgia evocativa pessoal, atribua seu sentido. Dessa forma, a performance do ator pode colaborar para tornar o público dono de sua história.

Agradecimentos

A Verônica Fabrini, por seguir instigando minha curiosidade. Ao PIBIC/Cnpq pelo fomento a esta pesquisa.

BARBA, Eugenio, Queimar a casa: origens de um diretor. São Paulo, Perspectiva, 2010.

DIAS, Lucy; GAMBINI, Roberto. Outros 500 - uma conversa sobre a alma brasileira. São Paulo: Senac São Paulo, 1999

HILLMAN, James. Ficções que curam - psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Campinas - SP, Versus editora, 2010.